

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

2+2

Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas

Anita Santos

Diogo Gautier

Helena Santos

Eurico Alves

Dezembro de 2011

1 A Crise Atual: Um Mar de Causas e Consequências

Uma série de acontecimentos manipulados pelo homem levou ao estado atual, em que muitos pagam pelos erros que apenas uma pequena parte cometeu.

Começando pelas causas desta crise, referimos o excessivo crédito concedido às famílias. Os bancos têm todo o interesse em financiá-las pois, estas ao pagarem o que devem, irão pagar juros e fazer com que o lucro do banco aumente. As famílias, nomeadamente as americanas e também uma grande parte das europeias (dada a globalização atual, um ato feito no local X do mundo tem impacto imediato no extremo oposto), pediram demasiados empréstimos aos bancos, sendo que muitos deles não puderam ser pagos.

Por outro lado temos ainda os interesses que vários Estados têm em não controlar os bancos privados, visto que, muitos deles se financiam junto dos mesmos! Perante isto é inevitável chegar à conclusão que estamos no centro dum ciclo vicioso facilmente evitável. É importante sabermos as razões pelas quais tais erros se cometem e, ao longo deste texto, explicaremos uma grande parte delas.

Aparentemente, para quem percebe minimamente de economia, é fácil entender os porquês para estarmos na situação em que estamos mas, por trás das razões mais visíveis e aparentemente honestas, existem vários outros fatores, nomeadamente pessoais, que levam a que os interesses dos poderosos sejam disfarçados com obras e atos feitos em nome da população.

A vontade de ganhar eleições a todo o custo faz com que, no momento em que muitas vezes se deve dar início a um plano de contenção, se gaste o que há e o que não há, deixando uma herança pesada e publicamente falsificada para que se engane o povo mais uma vez e o faça crer que estamos numa situação em que realmente não estamos.

A moeda única, o Euro, ofereceu a oportunidade a países como Portugal de terem uma moeda forte e competitiva. Os juros baixos que tínhamos de pagar no início do século XXI, (em que pouca gente adivinhava aquilo a que chegaríamos), levou a que vários

Estados (nomeadamente o nosso), se endividassem incessantemente com o pensamento de que seria fácil repor aquilo a que tiveram acesso. Porém, a certa altura, quando o crédito cedido ultrapassou a linha imaginária que divide o endividamento excessivo do suportável, o risco destes não pagarem levou ao aumento rápido dos juros, levando países ao desespero sem meios para pagarem o



Imagem 1: símbolos de algumas das moedas mais importantes do mundo.



Imagem 2: moeda de 1€.

que deviam, contudo, o que mais estupefacto deixa qualquer um, é o facto destes terem continuado a gastar!

O ser humano tem uma constante necessidade de competição e superação de si próprio; vejamos então os casos dos interesses (como as agências de rating que classificam com AAA certos países e empresas por pura conveniência); o uso e abuso dos pobres para o enriquecimento incessante das classes mais altas, e temos ainda a incontável vontade de seguir a nossa caminhada pessoal rumo aos objetivos mais fúteis que nada contribuem para o bem da sociedade. Estamos, então, perante não só uma ambição extrema, mas também uma falta de valores pessoais arrepiante, que faz crer que realmente o mundo está entregue aos interesses de uma pequena fatia dos seus habitantes e que nós, o povo, não passamos de um meio para que esses atinjam os seus objetivos.

Continuando esta cadeia sucessiva, há que ter em conta os especuladores e, olhando mais uma vez para os bancos, pode haver a sensação de que há instabilidade na instituição em causa. Como já estudamos, o banco não dispõe de dinheiro palpável propriamente dito para todos os que lá têm depósitos. Logo, a corrida desenfreada aos levantamentos deixa a instituição sem dinheiro para aqueles que não tiveram tempo de o tirar de lá. Os empréstimos concedidos deixam também de ser válidos; vários investimentos feitos deixam de surtir efeito e, como já se adivinha, o banco cai na falência arrastando muitos outros consigo ou então, tem de ser nacionalizado, havendo uma série de gastos que, na verdade, são menores que aqueles que uma falência total causaria (dado o efeito que teria sob outros bancos e até mesmo Estados). Veja-se por exemplo o caso da falência do Lehman Brothers (EUA) que arrastou a Irlanda.

Dado o mundo globalizado em que as relações com países estrangeiros é mais que natural, os empréstimos são feitos também além fronteiras e, quando os credores ficam perante, por exemplo, de Portugal que corre um alto risco de não pagar aquilo que pediu, aumentam as taxas de juro ou então não nos financiam mais. Posto isto terão de ser tomadas várias medidas de austeridade para que o Estado tenha receitas suficientes para poder pagar o que deve e voltar a ganhar a confiança dos credores estrangeiros.

Havendo menos dinheiro disponível para os contribuintes, estes deixarão de consumir, levando a uma forte quebra no consumo que originará a falência de muitas empresas. Como consequência imediata haverá também uma forte instabilidade social, com manifestações e greves constantes, já para não falar das multinacionais que se deslocam para outros países com uma carga fiscal não tão pesada.

À nossa volta observamos um forte crescimento do desemprego que, indiretamente leva a doenças do foro nervoso e psicológico; a educação fica estagnada



Imagem 3: a inevitável ligação do homem ao dinheiro.



Imagem 4: a globalização.

já que muitos não suportam os seus custos, deixando assim uma má imagem do nosso país dito desenvolvido.

A situação portuguesa deve-se também a uma forte aposta no apoio social que promoveu uma cultura de facilitismos, onde a criação de emprego deu lugar às mais variadíssimas formas de viver bem sem trabalhar e, como é óbvio, um Estado como o nosso não consegue suportar este volume de despesas.

O forte endividamento de muitas famílias (fruto dos juros baixos oferecidos pelos bancos) leva-as a um estado de pobreza acentuada e, não podendo estas pagar o que devem, levam os bancos à necessidade de financiamento externo que pode não ser concedido e, posto isto, lá vem novamente a temível falência.

Inevitavelmente, lá voltamos novamente ao ciclo vicioso que não nos deixa com margem para erros, com o risco de tornar a nossa situação ainda mais caótica que aquela que se vive.

Para concluir, todos os mais variadíssimos exemplos estão à disposição de todos nós, não só em Portugal mas em todo o mundo, para que a lição tenha sido aprendida. Contudo há algo que não pode ser mudado: a ganância e a ambição humana que continuará a provocar estragos a médio/longo prazo na sociedade em geral.

A classe de político/economista tem de ser mudada, passando a dar uma imagem real de credibilidade e interesse pelo bem geral da população, e não a atual imagem de corrupção que leva a um grande descrédito e desconfiança para com todos aqueles que sobre nós têm algum poder.



Imagem 5: pessoa emocionalmente perturbada.

2 Referências

- Filme *Inside Job*, de Charles Ferguson, de 2010;
- Manual escolar: *Economia A 11º ano*, de Maria João Pais, Maria da Luz Oliveira, Maria Manuela Góis e Belmiro Gil Cabrito, Texto Editora;
- Jornal *Expresso*;
- *Diário Económico*;
- Imagens: *Google images*

3 Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa 2+2 declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.